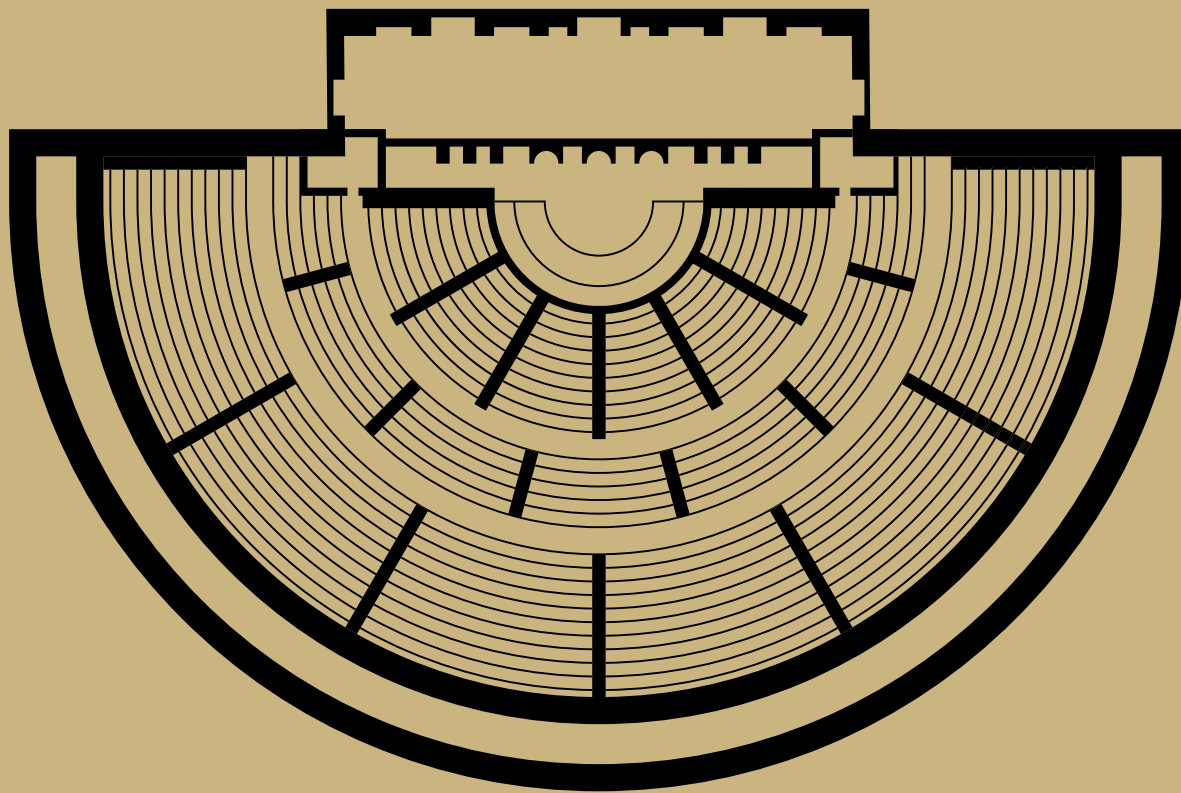


MMXX - 2020

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



ESTUDOS DO
TEATRO ROMANO





MMXX - 2020

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO



ÍNDICE

I. O MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO.....	11
Museu de Lisboa – Teatro Romano.	
Espaço museográfico e património arqueológico	
Lídia Fernandes	12
O Museu de Lisboa – Teatro Romano: o Projeto de Arquitetura	
Daniela Ermano e João Carrasco	30
Intervenção estrutural no Museu de Lisboa – Teatro Romano	
João Appleton, Vasco Appleton, Rita Gonçalves e Inês Avó Almeida	40
II. ANTES E DEPOIS DO TEATRO	45
Antes do teatro: a cidade de <i>Olisipo</i> no período romano republicano	
João Pimenta	46
O fim do teatro romano: abandono ou destruição	
Lídia Fernandes e Marco Calado.....	62
O Museu de Lisboa – Teatro Romano: um testemunho da época industrial na cidade de Lisboa	
Isabel Cameira	70
III. A CIDADE DE FELICITAS IULIA OLISIPO E O SEU TEATRO	81
<i>Felicitas Iulia Olisipo</i> a Lisboa Romana	
Carlos Fabião.....	82
Notas sobre a paisagem epigráfica da Lisboa romana	
José d’Encarnação.....	98
IV. CERÂMICAS E ARGAMASSAS DO TEATRO ROMANO	111
As argamassas romanas do teatro de <i>Olisipo</i> : caracterização e importância do seu estudo	
João Coroadó	112
A cerâmica fina romana do teatro de <i>Olisipo</i>	
Eurico de Sepúlveda e Catarina Bolila	120
As ânforas romanas do teatro de <i>Olisipo</i>	
Victor Filipe	136
V. ABSTRACTS.....	155



EM CENA NO TEATRO ROMANO

Lídia Fernandes

Coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC

A apresentação do primeiro número da revista *Scaena* em 2020 não é inocente. Com efeito, comemoramos este ano os 222 anos da descoberta do teatro romano de Lisboa, ocorrida em 1798. Nesse longínquo ano renovava-se esta zona da cidade, no decurso das obras de reconstrução após o grande terramoto de 1755.

Em 2020 comemoramos o facto de tal descoberta não ter sido vã apesar de o seu destino imediato não ter sido auspicioso. O teatro voltaria a ser enterrado e só várias décadas mais tarde tornaria a ser descoberto.

O percurso que a investigação sobre este monumento tem sofrido ao longo dos tempos tem sido inconstante. Desde 2001, com a constituição de um museu a ele dedicado, a atenção dada ao sítio arqueológico foi maior, tendo-se iniciado a partir de então e de forma mais sistemática, a realização de intervenções arqueológicas. Mas foi, especialmente a partir de 2015, após a finalização da intervenção arqueológica no interior do museu, obrigando a obras de remodelação no mesmo e suscitando uma nova exposição de longa duração, que inaugurou uma nova vida do sítio arqueológico.

Novos conteúdos e novas atividades para um público mais abrangente. Novas ações de conservação e restauro, exposições temporárias diversas e várias publicações contribuíram para uma valorização do teatro romano que constitui o mais antigo teatro em território nacional. Um património histórico e arqueológico de enorme valor e um museu que dele toma a designação, mas que o ultrapassa. Atualmente o Museu de Lisboa – Teatro Romano, constitui-se como um museu de sítio pois é o monumento, mas também a sua envolvente e a história diacrónica de ambos, que são dados a conhecer.

É precisamente para melhor enraizar tais conhecimentos e divulgá-los que optámos pela criação de uma revista que apresente novos estudos sobre o teatro romano entendido este como ponto de partida para o conhecimento da cidade.

A partir de agora o Museu de Lisboa – Teatro Romano conta com uma revista de periodicidade anual. O seu nome, *Scaena*, é um termo latino que significa “cena”, ou “em palco” e deriva do termo grego *Skene*, com idêntico significado. Pensamos que esta é a designação perfeita para o objetivo que se pretende alcançar: colocar em cena novos conhecimentos, diversas abordagens, estudos e ensaios que nos permitam conhecer mais e melhor o património e a cidade.

EDITORIAL

“A SABEDORIA É A PARTE SUPREMA DA FELICIDADE” (SÓFOCLES)

Joana Sousa Monteiro
Diretora do Museu de Lisboa / EGEAC

Para o Museu de Lisboa, como para a generalidade dos museus, a investigação é a função museológica primordial por excelência, sem a qual o inventário, a documentação, a conservação, a exposição e a educação não podem assumir lugar pertinente.

Herdeiro do antigo Museu da Cidade, o Museu de Lisboa é, desde 2015, constituído por cinco núcleos: o núcleo-sede no Palácio Pimenta, o núcleo dedicado ao Santo António, o Torreão Poente da Praça do Comércio para exposições temporárias, o núcleo arqueológico no piso térreo da Casa dos Bicos, e o Teatro Romano, um museu de sítio com a dupla valência das ruínas do teatro do século I e do museu propriamente dito que lhe é fronteiro.

A par de diversos projetos de médio e longo prazo de renovação e modernização dos espaços, das exposições de longa duração, da comunicação e da programação educativa, temo-nos dedicado a investigar as extensas coleções do Museu, de modo a melhorar a sua documentação, a executar programas expositivos diferenciados e a promover novas ofertas de mediação. Sempre que possível, os projetos de investigação obtêm a respetiva concretização sob a forma de publicações.

Na verdade, este é um dos eixos estruturantes do novo Museu de Lisboa: a produção, ora interna, ora com recurso a colaborações exteriores, de catálogos de todas as exposições temporárias de relevo, bem como a edição de publicações monográficas relativas a bens do acervo ou até a peças de outras coleções com particular valor para a história da cidade. Só em 2019, o Museu de Lisboa editou e apresentou ao público cinco publicações.

Vem agora a equipa do Museu de Lisboa – Teatro Romano enriquecer sobremaneira a nossa política editorial com uma nova revista científica de periodicidade anual, a *Scaena*, dedicada ao monumento cénico, ao período romano de Lisboa, à arqueologia e a temas transversais à história da cidade. A seleção de temas e de autores tem por objetivo abranger leitores da comunidade científica, mas também do público não especialista. Este primeiro número é dedicado ao próprio Teatro Romano de Lisboa, um equipamento cultural imensamente rico, sobre o qual as novas investigações não cessam de nos surpreender e especialmente aos trabalhos de remodelação ocorridos entre 2013 e 2015 quando abriu, de novo, as suas portas ao público.

AS ÂNFORAS ROMANAS DO TEATRO DE OLISIPO

Victor Filipe

Arqueólogo. UNIARQ - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa. FCT - Fundação
para a Ciência e a Tecnologia
victor.filipe7@gmail.com

Apresenta-se uma versão sintetizada do estudo das ânforas romanas exumadas nas intervenções arqueológicas realizadas no teatro romano de Lisboa nas campanhas realizadas no Museu de Lisboa – Teatro Romano, tendo por base o estudo exaustivo realizado em 2008 no âmbito de dissertação de Mestrado.

Trata-se de um conjunto relativamente amplo e tipologicamente diversificado recolhido em contextos arqueológicos relacionados com a edificação e remodelação do teatro. Estes contentores testemunham, em *Olisipo*, a importação de produtos alimentares de vários locais do império desde meados do século II a.C. até ao terceiro quartel do século I d.C., constituindo-se como importantes indicadores para o estudo da dinâmica comercial de *Olisipo*. Abordar-se-á a questão da importância dos estudos anfóricos na percepção da economia antiga, expondo-se as leituras possíveis acerca dos hábitos de consumo e ritmos de importação nesta cidade em época alto-imperial.

O AUTOR DO ARTIGO NÃO ESCRVE SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

Introdução

Este texto, versando sobre as ânforas romanas exumadas nas intervenções arqueológicas levadas a cabo no Teatro Romano de Lisboa, constitui-se como uma versão revista dos trabalhos anteriormente publicados (Filipe, 2008a; Filipe, 2015), a que se acrescentam agora os dados inéditos colectados nas escavações de 2010, 2011, 2013 e 2014⁰¹. Embora as leituras anteriormente efectuadas se mantenham nas suas principais linhas gerais, procedeu-se à revisão da classificação tipológica de algumas das ânforas já publicadas, cuja investigação tem conhecido significativos desenvolvimentos nos últimos anos.

Resumidamente, foi efectuada a revisão das peças classificadas como Dressel 7-11, Haltern 70, Oberaden 83 e Dressel 20 no sentido de, sempre que possível, enquadrá-las nas distintas variantes de cada tipo ou reenquadrá-las em outras tipologias. No caso das primeiras procurou-se atribuir cada exemplar a um dos diferentes tipos entre a Dressel 7 e a Dressel 11, optando-se pelas classificações genéricas de Dressel 9-10 ou 7-11 nos casos que suscitavam mais dúvidas. Já a Haltern 70, para além da atribuição das variantes inicial e Augusto-Tibério a alguns fragmentos, procedeu-se em alguns casos à sua reclassificação como Ovóide 4, de acordo com as recentes propostas de P. Berni Millet (2011) e E. García Vargas, R. Almeida e H. González Cesteros (2011). Cenário não muito diferente é representado pelos materiais anteriormente classificados como Oberaden 83, atribuindo-se agora a alguns desses bordos a classificação de Ovóide 6, Haltern 71 ou Dressel 20 Júlio-Cláudia, seguindo a já mencionada proposta de E. García Vargas e colaboradores (García Vargas *et al.*, 2011). As Dressel 20 foram integralmente classificadas como variantes Júlio-Cláudias. Resta referir que a peça nº 2603, antes enquadrada nas Dressel 12, foi agora englobada nas Ovóide 5, ainda que não isenta de dúvidas. A análise é, portanto, efectuada sobre a totalidade das ânforas do Teatro Romano (campanhas de 2001 a 2014), resumida na tabela de quantificação que abaixo se apresenta.

O conjunto de ânforas do teatro romano assume particular interesse pela sua diversidade tipológica e expressão quantitativa, mas sobretudo pelo facto de ser proveniente de escavações recentes e com contextos cronológicos bem definidos, atribuíveis à fase entre o principado de Augusto e o de Nero, sobre a qual, no que se refere a estudos sobre economia antiga, muito pouca investigação se tem realizado na cidade de *Olisipo*.

Apresenta-se fundamentalmente a análise do conjunto anfórico, optando-se por não se desenvolver aqui os aspectos relacionados com a história do Teatro Romano de Lisboa, suas características arquitectónicas, a sua descoberta e intervenções arqueológicas de que foi alvo, uma vez que esses temas têm sido bastante desenvolvidos em outros locais (Fernandes, 2006; Fernandes, 2007; Fernandes e Filipe, 2007; Filipe, 2008a), inclusivamente nesta monografia. Tomou-se idêntica opção relativamente à contextualização histórico-arqueológica de *Olisipo* e ao enquadramento geográfico desta urbe no vale do Tejo e fachada

01 — Este trabalho foi executado no âmbito da Tese de Doutoramento em Arqueologia realizada pelo autor e, entretanto, entregue à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

atlântica, uma vez que esses temas foram recentemente desenvolvidos pelo autor em outros locais (Filipe, 2015; Filipe, 2018).

Todavia, considerou-se pertinente a inclusão de um pequeno texto sobre a importância das ânforas no estudo da economia antiga bem como de um curto enquadramento dos contextos estratigráficos de onde provêm as ânforas. Refira-se ainda que os materiais anfóricos provenientes de intervenções arqueológicas mais antigas foram já alvo de publicação (Diogo, 2000; Diogo & Trindade, 1999).

As ânforas no estudo da economia antiga

A importância que o estudo das ânforas adquiriu no âmbito das modernas investigações arqueológicas não se pode dissociar “*da emergência do económico como território de eleição da historiografia*” bem como da “*dilatação do conceito de «fonte histórica», que passou a abranger, também, os dados materiais*” (Fabião, 2014, p. 1) sendo que estes recipientes cerâmicos se constituem como um dos elementos materiais que melhores indicadores concede ao estudo sobre a economia da Antiguidade Clássica.

Esta última ideia é, de igual modo, reforçada quantitativamente, observando-se nos inúmeros naufrágios de Época Romana que a mercadoria transportada pelos navios era maioritariamente composta por produtos envasados em ânforas (Parker, 1992). Em sentido oposto, a chamada cerâmica de mesa ou cerâmica fina, constituía uma quase ínfima parte da carga, que Morel apelidou de fenómeno “parasitário” de um comércio “nobre”, representado, este último, pelo vinho transportado em ânforas (Morel, 1981 *apud* Fabião, 1998, p. 367). Este panorama é igualmente verificável nos conjuntos cerâmicos resultantes das intervenções arqueológicas terrestres, onde, invariavelmente se observa um predomínio do material anfórico sobre as restantes cerâmicas importadas e não poucas vezes uma maior diversidade de fabricos exógenos, isto é, de locais de proveniência.

O carácter algo precário e escasso das diversas fontes escritas quanto ao papel do comércio na economia do mundo romano, expresso na visão apreensiva de alguns historiadores da Antiguidade (Fabião, 2014, p. 12), concede à arqueologia um papel singular na definição dos contornos dessa actividade e na percepção da sua real amplitude e relevância. É neste contexto que o estudo das ânforas, inclusivamente a epigrafia anfórica, se afigura particularmente importante, uma vez que a determinação dos locais de origem (centros produtores) de determinados produtos alimentares (conteúdos) consumidos ao longo de vários séculos (cronologia) em diversos locais (centros consumidores) do antigo Império Romano (difusão), emprestam, inegavelmente, importantes contributos na compreensão das dinâmicas comerciais da Antiguidade e do seu inevitável papel na economia.

III

Proveniência estratigráfica

Com excepção da campanha de 2014, cuja intervenção se localizou em plena Rua de São Mamede (Fernandes e Filipe, 2017), o conjunto anfórico objecto deste estudo provém integralmente das escavações arqueológicas realizadas na zona a sul do teatro (Fig. 1).

A traços largos, e deixando de parte todas as evidências pré e pós-romanas, os vestígios documentados durante as escavações de 2001, 2005 e 2006 colocaram a descoberto uma grande muralha correspondente ao *post scaenam*, estrutura que sustentava, a Sul, a frente cénica do teatro. Os contextos estratigráficos de época romana eram circunscritos a Norte por aquela estrutura e a Sul por um paredão, também de fundação romana, permitindo vencer um desnível bastante acentuado com a zona da actual Rua Augusto Rosa e criando uma plataforma artificial cuja construção deverá ser coetânea à do teatro (Fernandes, 2006; Fernandes, 2007; Fernandes e Filipe, 2007). Os mencionados níveis romanos eram constituídos por aterros que encostavam e se situavam no espaço entre aquelas duas estruturas, tendo-se identificado dois momentos distintos para a sua deposição/formação com base nos dados estratigráficos e na componente artefactual aí exumada, definindo, assim, duas fases correspondentes: Fase 1, coeva à fundação do teatro e cronologicamente enquadrável entre o primeiro e o segundo decénio da nossa Era; e Fase 2, datável de meados do séc. I d.C. e muito provavelmente associável às obras de remodelação empreendidas naquele edifício lúdico em 57 d.C. (Filipe, 2008a, p. 31; Filipe, 2015, pp. 136-137).

Sob aqueles aterros de inícios e meados do séc. I d.C. vir-se-iam a registar contextos do período tardo-republicano e da Idade do Ferro, correspondendo aos únicos vestígios preservados da ocupação daquela área em fase anterior à construção do monumento cénico, prenunciados pela abundante quantidade de materiais dessas épocas recolhidos nos níveis alto-imperiais e pós-romanos. O muro identificado ainda no decorrer das campanhas de 2005 e 2006, orientado a E-O e com ligante em argila (Fernandes, 2007, p. 35; Fernandes, 2014), parece enquadrar-se genericamente nos dois primeiros terços do séc. I a.C. O desenvolvimento dos trabalhos de escavação nesta área em 2010 viria a permitir documentar a continuidade daquela estrutura, revelando um compartimento rectangular cujos limites Norte e Oeste eram definidos pelo mencionado muro e pelo próprio substrato geológico escavado e afeiçoado (Fernandes, 2014). Igualmente republicana, mas seguramente anterior é uma outra estrutura de menores dimensões, implantada um pouco mais a Sul e orientada a NE-SO, segmentando um forno de cerâmica atribuível à Idade do Ferro (Fernandes, 2014; Fernandes e Coroado, em publicação).

Relativamente à campanha de 2014, na Rua de São Mamede, registou-se na sondagem 2 um interessante contexto de meados do séc. I d.C., coincidente com as obras de remodelação de 57 d.C., ainda que numa área de reduzida dimensão. Já na sondagem 1, embora se tenha colocado a descoberto uma impressionante estrutura pertencente ao teatro, não foram detectados níveis preservados de época romana. Pelo contrário, os depósitos que cobriam a aludida estrutura datam da segunda metade do séc. XVIII (Fernandes e Filipe,

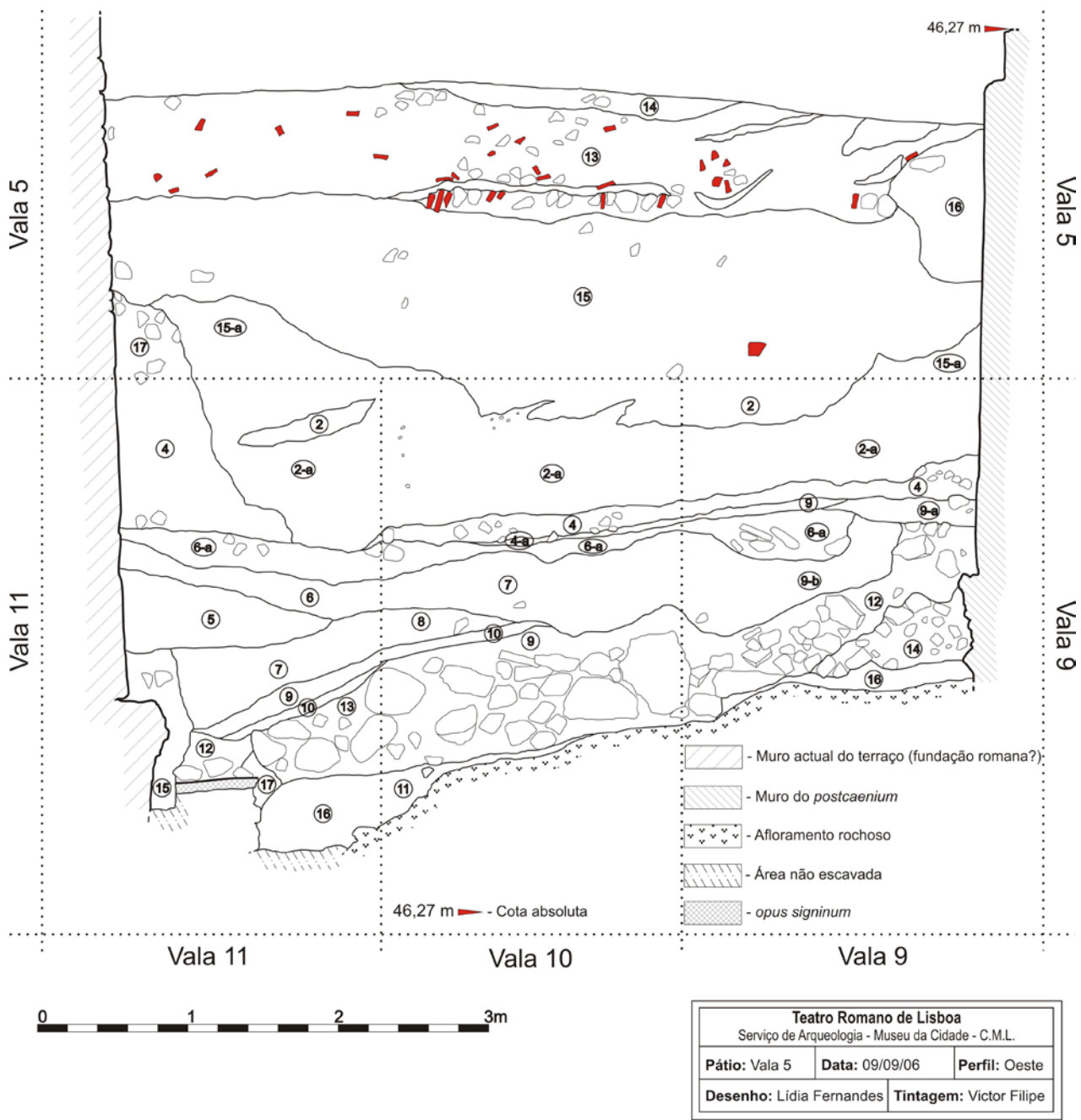


Fig. 1 – Perfil Oeste das valas 5, 9, 10 e 11.
© Fernandes & Filipe, 2007

Proveniência	Tipo	TF	% TF	NMI	% NMI	% NMI região	% NMI província	% NMI extraprov.
Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana Antiga	123	18,01%	48	14,46%	94,12%	94,12%	
	Tipo Urceus?	1	0,15%	1	0,30%	1,96%	1,96%	
	Indeterminado	2	0,29%	2	0,60%	3,92%	3,92%	
	Total	126	18,45%	51	15,36%	100%	100%	
Bética, costa ocidental	Dressel 7-11	16	2,34%	6	1,81%	19,35%	3,70%	2,16%
	Dressel 7	4	0,59%	4	1,20%	12,90%	2,47%	1,44%
	Dressel 9-10	8	1,17%	8	2,41%	25,81%	4,94%	2,88%
	Tipo Urceus	1	0,15%	1	0,30%	3,23%	0,62%	0,36%
	Dressel 28	1	0,15%	1	0,30%	3,23%	0,62%	0,36%
	Indeterminado	21	3,07%	11	3,31%	35,48%	6,79%	3,96%
	Total	51	7,47%	31	9,34%	100%		11,15%
Bética, vale do Guadalquivir	Oberaden 83/Ovóide 7	6	0,88%	6	1,81%	4,58%	3,70%	2,16%
	Haltern 71	11	1,61%	10	3,01%	7,63%	6,17%	3,60%
	Oberaden 83/Ovóide 7-Haltern 71	60	8,78%	14	4,22%	10,69%	8,64%	5,04%
	Ovóide indeterminada	8	1,17%	6	1,81%	4,58%	3,70%	2,16%
	Haltern 70	91	13,30%	14	4,22%	10,69%	8,64%	5,04%
	Haltern 70 (inicial)	19	2,78%	19	5,72%	14,50%	11,73%	6,83%
	Haltern 70 (Augusto-Tibério)	15	2,20%	15	4,52%	11,45%	9,26%	5,40%
	Tipo Urceus	5	0,73%	5	1,51%	3,82%	3,09%	1,80%
	Dressel 2-4	3	0,44%	2	0,60%	1,53%	1,23%	0,72%
	Dressel 7-11	2	0,29%	1	0,30%	0,76%	0,62%	0,36%
	Dressel 20 (Júlio-cláudia)	22	3,22%	18	5,42%	13,74%	11,11%	6,47%
	Dressel 20	1	0,15%	1	0,30%	0,76%	0,62%	0,36%
	Verulamium 1908	10	1,46%	10	3,01%	7,63%	6,17%	3,60%
	Indeterminado	11	1,61%	10	3,01%	7,63%	6,17%	3,60%
	Total	264	38,65%	131	39,46%	100%	100%	47,10%
Hispania Ulterior, costa meridional	Greco-Itálica	2	0,29%	1	0,30%	2,08%	1,54%	0,36%
	Dressel 1	2	0,29%	1	0,30%	2,08%	1,54%	0,35%
	T-7.4.3.3.	75	10,98%	41	12,35%	85,42%	63,08%	14,80%
	T-9.1.1.1.	4	0,59%	4	1,20%	8,33%	6,15%	1,44%
	Ovóide gaditana	1	0,15%	1	0,30%	2,08%	1,54%	0,36%
	Total	84	12,30%	48	14,46%	100%		17,31%
Hispania Ulterior, vale do Guadalquivir	Classe 67/Ovoide 1	1	0,15%	1	0,30%	5,88%	1,54%	0,36%
	Ovoide 4	2	0,29%	2	0,60%	11,76%	3,08%	0,72%
	Ovóide 5	1	0,15%	1	0,30%	5,88%	1,54%	0,36%
	Ovóide 6	13	1,90%	13	3,92%	76,47%	20%	4,70%
	Total	17	2,49%	17	5,12%	100%	100%	6,12%
Tarraconense, costa setentrional	Pascual 1	1	0,15%	1	0,30%	100%	100%	0,36%
	Total	1	0,15%	1	0,30%	100%	100%	0,36%
Península Itálica, costa tirrénica	Greco-Itálica	18	2,64%	18	5,42%	46,15%	37,50%	6,47%
	Dressel 1	15	2,20%	15	4,52%	38,46%	31,25%	5,40%
	Dressel 1/Greco-Itálica	78	11,42%	3	0,90%	7,69%	6,25%	1,08%
	Dressel 2-4	3	0,44%	2	0,60%	5,13%	4,17%	0,72%
	Indeterminado	2	0,29%	1	0,30%	2,56%	2,08%	0,36%
	Total	116	16,98%	39	11,75%	100%		14,03%
Península Itálica, costa adriática	Greco-Itálica	9	1,32%	5	1,51%	62,50%	10,42%	1,80%
	Lamboglia 2	2	0,29%	2	0,60%	25%	4,17%	0,72%
	Ovóide adriática	1	0,15%	1	0,30%	12,50%	2,08%	0,36%
	Total	12	1,76%	8	2,41%	100%		2,88%
Ilha de Lipari	Richborough 527	2	0,29%	1	0,30%	100%	2,08%	0,36%
	Total	2	0,29%	1	0,30%	100%	100%	0,36%
Norte de África	T-7.4.2.1./T-7.4.3.1.	1	0,15%	1	0,30%	50%	50%	0,36%
	Africana Antiga	2	0,29%	1	0,30%	50%	50%	0,36%
	Total	3	0,44%	2	0,60%	100%	100%	0,72%
Indeterminada	Indeterminado	7	1,02%	3	0,90%	100%	100%	
	Total	7	1,02%	3	0,90%	100%	100%	
TOTAL		683	100%	332	100%			100%

Fig. 2 – Quantificação da totalidade das ânforas do teatro romano.

2017), indicando, assim, que o espaço desta sondagem se englobaria na área colocada a descoberto em 1798.

IV Breve apreciação quantitativa

O conjunto de ânforas do teatro romano de Lisboa é composto por 683 fragmentos classificáveis: 275 bordos, 316 asas, 90 fundos e duas paredes, correspondendo a um Número Mínimo de 332 Indivíduos (NMI). No total estão representadas 32 tipologias provenientes de oito regiões produtoras, tendo ainda sido contabilizados 44 opérculos (tampas) (Fig. 2).

Em termos globais, as produções da região meridional hispânica predominam, sobretudo as oriundas do vale do Guadalquivir, correspondendo a 68,37% do NMI. O conjunto de ânforas de produção lusitana constitui-se como o segundo melhor representado (15,36%), seguido pelas produções itálicas que significam 14,16%, dos quais 11,75% são imputáveis à costa tirrénica e os restantes 2,41% à costa adriática. As produções do Norte de África, da costa setentrional da Tarraconense e da ilha de Lipari são claramente minoritárias, correspondendo respectivamente a 0,6%, 0,3% e 0,3% do NMI. Estão ausentes as importações da região oriental do Mediterrâneo (Fig. 3).

Numa perspectiva de comparação entre o conjunto já publicado e a amostra global do teatro, embora com ligeiras oscilações, durante a República não se registam significativas diferenças nas percentagens relativas às regiões de origem. Por um lado, acentua-se o domínio das produções da costa meridional da Ulterior, que significam 43,24% dos contentores republicanos e são representadas maioritariamente pelas T-7.4.3.3. (36,94%) e de forma mais modesta pelas T-9.1.1.1. e imitações das Greco-Itálicas (0,9%) e Dressel 1 (0,9%), acompanhado de um ligeiro decréscimo das do vale do Guadalquivir (15,32%), representadas sobretudo pelas Ovóide 6 (11,71%) mas também pelas Ovóide 4 (1,8%), Classe 67/Ovóide 1 (0,9%) e Ovóide 5 (0,9%). Por outro, observa-se uma ténue diminuição das importações tirrénicas e um aumento das adriáticas, mantendo-se entre as primeiras o domínio das Greco-Itálicas (16,22%) sobre as Dressel 1 (13,51%), e entre as segundas o domínio das Greco-Itálicas (4,5%) sobre as Lamboglia 2 (1,8%) e Ovóides Adriáticas (0,9%). Do Norte de África, de onde provêm as T-7.4.3.1. (0,9%) e as Africana Antiga (0,9%), assiste-se a uma ligeira diminuição, reflexo da ausência de materiais dessa origem no conjunto inédito. Em relação directa com estas oscilações, verifica-se no âmbito do consumo um leve aumento da importação de preparados à base de peixe e a consequente diminuição da de vinho, enquanto o azeite mantém praticamente a mesma proporção; traduzindo-se no consumo maioritário de preparados piscícolas (44,14% do NMI), seguido do vinho (40,54%) e do azeite (15,32%) (Fig. 4).

Olhando para os restantes conjuntos republicanos de Lisboa (Filipe, 2018), destaca-se a existência de um padrão de consumo distinto entre a área da antiga Alcáçova Islâmica e a vertente Sul da colina do castelo, observando-se na primeira a total preponderância do consumo de vinho, sobretudo itálico,

Proveniência	Tipo	TF	% TF	NMI	% NMI	% NMI região	% NMI província	% NMI extraprov.
Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana Antiga	123	29,78%	48	24,74%	97,96%	97,96%	
	Tipo Urceus?	1	0,24%	1	0,52%	2,04%	2,04%	
	Total	124	30,02%	49	25,26%	100%	100%	
Bética, costa ocidental	Dressel 7-11	16	3,87%	6	3,09%	30%	4,26%	4,14%
	Dressel 7	4	0,97%	4	2,06%	20%	2,84%	2,76%
	Dressel 9-10	8	1,94%	8	4,12%	40%	5,67%	5,52%
	Tipo Urceus	1	0,24%	1	0,52%	5%	0,71%	0,69%
	Dressel 28	1	0,24%	1	0,52%	5%	0,71%	0,69%
	Total	30	7,26%	20	10,31%	100%		13,79%
Bética, vale do Guadalquivir	Oberaden 83/Ovóide 7	6	1,45%	6	3,09%	4,96%	4,26%	4,14%
	Haltern 71	11	2,66%	10	5,15%	8,26%	7,09%	6,90%
	Oberaden 83/Ovóide 7-Haltern 71	60	14,53%	14	7,22%	11,57%	9,93%	9,66%
	Ovóide indeterminada	8	1,94%	6	3,09%	4,96%	4,26%	4,14%
	Haltern 70	91	22,00%	14	7,22%	11,57%	9,93%	9,66%
	Haltern 70 (inicial)	19	4,60%	19	9,79%	15,70%	13,48%	13,10%
	Haltern 70 (Augusto-Tibério)	15	3,63%	15	7,73%	12,40%	10,60%	10,34%
	Tipo Urceus	5	1,21%	5	2,58%	4,13%	3,55%	3,45%
	Dressel 2-4	3	0,73%	2	1,03%	1,65%	1,42%	1,38%
	Dressel 7-11	2	0,48%	1	0,52%	0,83%	0,71%	0,69%
	Dressel 20 (júlio-cláudia)	22	5,33%	18	9,28%	14,88%	12,77%	12,41%
	Dressel 20	1	0,24%	1	0,52%	0,83%	0,71%	0,69%
	Verulamium 1908	10	2,42%	10	5,15%	8,26%	7,09%	6,90%
	Total	253	61,26%	121	62,37%	100%	100%	83,45%
Tarraconense, costa setentrional	Pascual 1	1	0,24%	1	0,52%	100%	100%	0,69%
	Total	1	0,24%	1	0,52%	100%	100%	0,69%
Península Itálica, costa tirrénica	Dressel 2-4	3	0,73%	2	1,03%	100,00%	66,67%	1,38%
	Total	3	0,73%	2	1,03%	100%		1,38%
Ilha de Lipari	Richborough 527	2	0,48%	1	0,52%	100%	33,33%	0,69%
	Total	2	0,48%	1	0,52%	100%	100%	0,69%
TOTAL		227	100%	111	100%			100%

Fig. 3 – Quantificação das ânforas Alto-Imperiais do teatro romano.

Proveniência	Tipo	TF	% TF	NMI	% NMI	% NMI região	% NMI província	% NMI extraprov.
Hispania Ulterior, costa meridional	Greco-Itálica	2	0,88%	1	0,90%	2,08%	1,54%	0,90%
	Dressel 1	2	0,88%	1	0,90%	2,08%	1,54%	0,90%
	T-7.4.3.3.	75	33,04%	41	36,94%	85,42%	63,08%	36,94%
	T-9.1.1.1.	4	1,76%	4	3,60%	8,33%	6,15%	3,64%
	Ovóide gaditana	1	0,44%	1	0,90%	2,08%	1,54%	0,90%
	Total	84	37%	48	43,24%	100%		43,28%
Hispania Ulterior, vale do Guadalquivir	Classe 67/Ovoide 1	1	0,44%	1	0,90%	5,88%	1,54%	0,90%
	Ovoide 4	2	0,88%	2	1,80%	11,76%	3,08%	1,80%
	Ovóide 5	1	0,44%	1	0,90%	5,88%	1,54%	0,90%
	Ovóide 6	13	5,73%	13	11,71%	76,47%	20%	11,71%
	Total	17	7,49%	17	15,32%	100%	100%	15,32%
Península Itálica, costa tirrénica	Greco-Itálica	18	7,93%	18	16,22%	50%	40,91%	16,22%
	Dressel 1	15	6,61%	15	13,51%	41,67%	34,09%	13,51%
	Dressel 1/Greco-Itálica	78	34,36%	3	2,70%	8,33%	6,82%	2,70%
	Total	111	48,90%	36	32,43%	100%		32,43%
Península Itálica, costa adriática	Greco-Itálica	9	3,96%	5	4,50%	62,50%	11,36%	4,50%
	Lamboglia 2	2	0,88%	2	1,80%	25%	4,55%	1,80%
	Ovóide adriática	1	0,44%	1	0,90%	12,50%	2,27%	0,91%
	Total	12	5,29%	8	7,21%	100%		7,22%
Norte de África	T-7.4.2.1./T-7.4.3.1.	1	0,44%	1	0,90%	50%	50%	0,90%
	Africana Antiga	2	0,88%	1	0,90%	50%	50%	0,90%
	Total	3	1,32%	2	1,80%	100%	100%	1,80%
TOTAL		227	100%	111	100%			100%

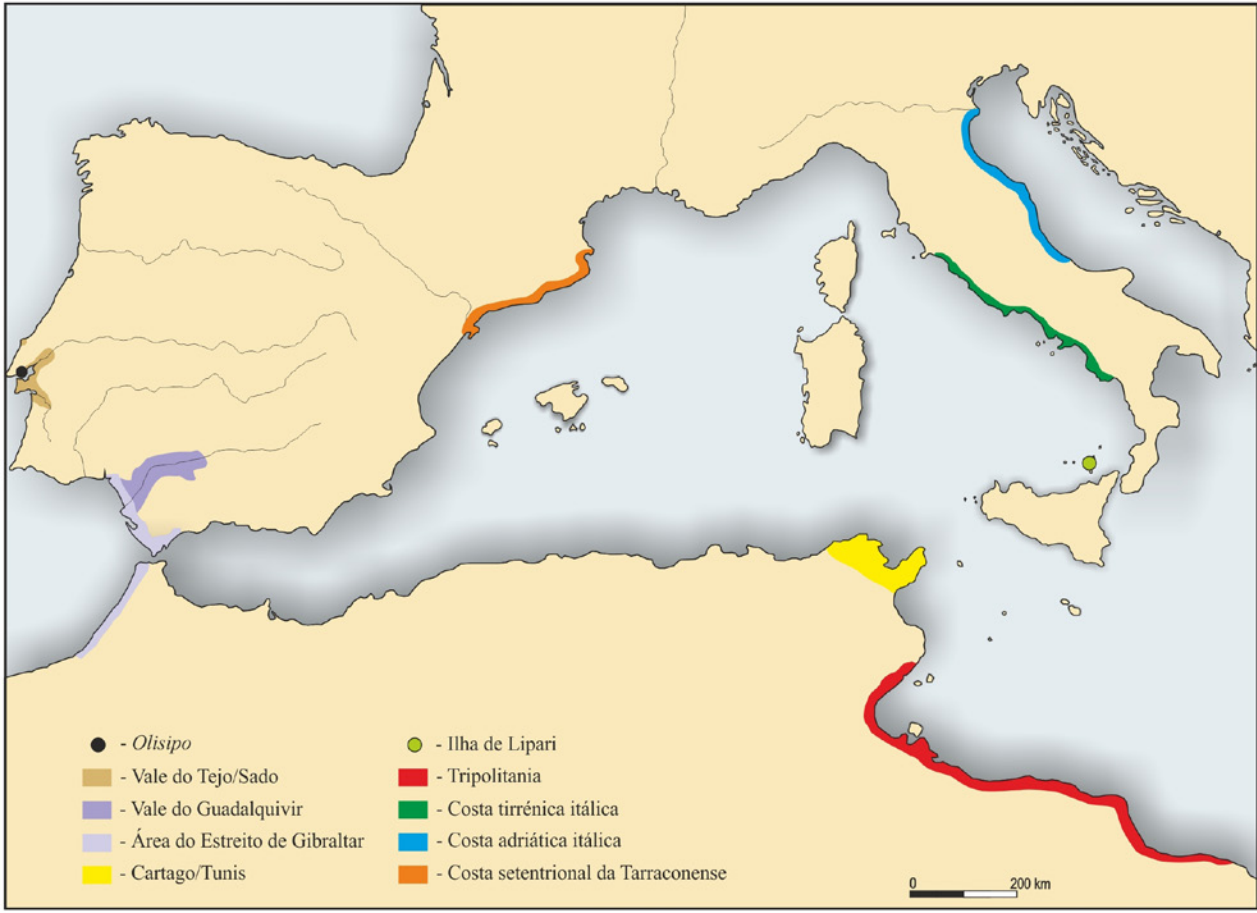
Fig. 4 – Quantificação das ânforas republicanas do teatro romano.

face ao de preparados piscícolas acompanhados de um consumo muito discreto de azeite, verificando-se na segunda um maior equilíbrio entre os dois principais produtos importados e uma maior expressividade do azeite.

A leitura dos dados do Teatro e da Sé, as duas amostras republicanas mais numerosas na vertente Sul da colina, é confirmada por outros conjuntos menos representativos desta época, como os do Palácio dos Condes de Penafiel e das Escadinhas de S. Crispim, embora se observem igualmente casos com proporções divergentes, todos referentes a amostras reduzidas, tais como o Pátio da S.^a de Murça e a Rua das Pedras Negras, para além da Praça da Figueira, esta localizada na actual Baixa Pombalina (Filipe, 2018). O mesmo não acontece no Castelo, onde as proporções de há muito documentadas (Pimenta, 2005) são confirmadas pelos conjuntos do Largo de Santa Cruz do Castelo, do Pátio José Pedreira e dos Balneários da Rua de Santa Cruz do Castelo (Filipe, 2018) bem como pela amostra da Rua do Recolhimento, n.º 68-70 (Mota *et al.*, 2014).

Relativamente ao Alto-Império, as principais discrepâncias observadas entre o conjunto global do Teatro e a amostra anteriormente publicada referem-se às percentagens do tipo de produtos importados, enquanto as regiões de origem patenteiam proporções similares. As importações do vale do Guadalquivir dominam totalmente o panorama (62,37%), sendo maioritariamente representadas pelos tipos vinários Haltern 70 (24,74%), *Urceus* (2,58%), Dressel 2-4 (1,03%) e Verulamium 1908 (5,15%), que se sobrepõem às oleícolas

Fig. 5 – Regiões produtoras das ânforas presentes no Teatro Romano (adaptado a partir de Ramon Torres, 1995).



Oberaden 83/Ovóide 7 (3,09%), Haltern 71 (5,15%), Oberaden 83/Ovóide 7- Haltern 71 (7,22%), e Dressel 20 Júlio-Cláudia (9,28%). As produções lusitanas constituem a segunda região produtora melhor representada (25,26%), onde se destacam as Lusitanas Antigas (24,74%) mas também um tipo recentemente caracterizado (Filipe, 2018), que parece corresponder à imitação das formas béticas de tipo *Urceus*. Já as importações da costa ocidental da *Baetica* significam apenas 10,31% do NMI, estando atestadas sobretudo as piscícolas Dressel 7-11 (9,28%), mas também as vinárias Dressel 28 (0,52%) e *Urceus* (0,52%). Ainda que de forma claramente minoritária, estão ainda presentes as produções tirrénicas, Dressel 2-4 (1,03%), tarraconenses, Pascual 1 (0,52%) e da Ilha de Lipari, Richborough 527 (0,52%) (Fig. 5).

No que se refere ao quadro de consumo, observa-se um relativo equilíbrio entre os três principais produtos transportados em ânforas - vinho, preparados piscícolas e azeite. O vinho constitui-se como o artigo mais importado (36,6% do NMI), sendo maioritariamente procedente do vale do Guadalquivir (91,55% desse produto). Os preparados piscícolas, significando 34,54% do NMI, provêm sobretudo da Lusitânia (71,64% desse artigo) mas também da costa bética em proporções não desprezíveis (26,87%). Já o azeite, importado em quantidades bastante significativas (25,26%), procede exclusivamente do vale do Guadalquivir. A presença do *Alúmen* das ilhas Eólias (0,52%) é meramente vestigial.

Este domínio do consumo de vinho relativamente ao de preparados piscícolas não é atributo exclusivo do conjunto anfórico do Teatro Romano no contexto da cidade Alto-Imperial de *Olisipo*, observando-se quadro análogo nos principais sítios da encosta Sul da colina do Castelo, como por exemplo nas *Thermae Cassiorum*, nos Claustros da Sé e nas Escadinhas de S. Crispim (Filipe, 2018), panorama acentuadamente distinto do que se verifica no *suburbium* ocidental (Almeida e Filipe, 2013; Filipe, 2018), definindo dois padrões distintos.

V Considerações finais

Os resultados das recentes intervenções arqueológicas levadas a cabo no teatro romano de Lisboa revestem-se de particular importância na caracterização dos diferentes ritmos de ocupação da urbe romana, quer no que se refere à sua dinâmica comercial, quer no que diz respeito especificamente ao momento de construção daquele importante edifício público - estas intervenções permitiram, pela primeira vez, escavar níveis directamente relacionados com a edificação do teatro.

Embora os materiais de época Republicana sejam maioritariamente residuais, o volume de ânforas atribuíveis a essa fase é bastante significativo, permitindo efectuar uma leitura bastante fiável acerca das dinâmicas comerciais de então, que os dados dos Claustros da Sé, das *Thermae Cassiorum* e das Escadinhas de S. Crispim (Filipe, 2018) parecem confirmar nas suas principais linhas gerais.

Em traços gerais, os elementos mais antigos do teatro romano de Lisboa enquadram-se no mesmo âmbito cronológico dos contextos republicanos da colina do castelo, atribuídos ao período entre 140-130 a.C. (Pimenta, 2005), e da campanha militar encetada por Décimo Júnio Bruto em 138 a.C. Sucintamente, e com excepção do azeite itálico da região de Brindes, ausente no conjunto do teatro romano, regista-se a presença dos mesmos produtos, importados das mesmas regiões produtoras e no mesmo tipo de contentores daqueles que se observam no Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005), em Santarém (Arruda & Almeida, 1998; Arruda & Almeida, 1999; Bargão, 2006) e em Chões de Alpompe (Diogo, 1982; Fabião, 1989; Diogo & Trindade, 1993-94).

A documentação de um volumoso conjunto de materiais associados a contextos estratigráficos, diacronicamente bem circunscritos entre o principado de Augusto e o de Nero, permite colmatar, em certa medida, a latente escassez de informação que se observa relativamente a esta fase da ocupação romana em *Olisipo* (Figs. 6-10).

Os dados do teatro romano mostram um quadro onde a província da *Baetica* se assume como o principal abastecedor de vinho e azeite à cidade de *Olisipo* a partir de meados do século I d.C. (e até Nero), sendo os produtos piscícolas desta região apenas ultrapassados pelas produções lusitanas, a partir de Augusto. Esta supremacia dos produtos béticos é igualmente observável na maioria dos sítios do ocidente peninsular, como por exemplo em Braga (Morais, 1998 e 2005), na Lomba do Canho (Fabião, 1989) e em Santarém (Arruda & Almeida, 1999; Arruda & Almeida, 2001; Arruda, Viegas & Bargão, 2005; Almeida, 2008; Bargão, 2006).

Entre Tibério e Nero observa-se a continuidade do abastecimento de produtos originários da Bética, nomeadamente de azeite e vinho, mas também de preparados à base de peixe. Em relação a estes, é sobretudo visível a hegemonia dos produtos regionais transportados em ânforas Lusitanas Antigas, sendo igualmente significativa a ausência da Dressel 14 em contextos que ultrapassam ligeiramente os meados da centúria. Esta hegemonia do consumo de preparados piscícolas lusitanos durante o séc. I d.C. é também bem visível no conjunto anfórico da Rua dos Bacalhoiros em Lisboa (Filipe, 2008b). A leitura que os dados do Teatro Romano permitem efectuar sobre as dinâmicas comerciais e ritmos de consumo entre o terceiro quartel do século II a.C. e o principado de Nero, poder-se-ão, em traços largos, extrapolar à cidade de *Olisipo*. A ausência de ânforas norte-africanas e do Mediterrâneo oriental no conjunto imperial do Teatro Romano parece constituir um bom indício da escassez daquelas importações durante a fase inicial do Alto-Império, que deverão ter começado a ser mais regulares a partir da dinastia Flávia (Filipe, 2018).

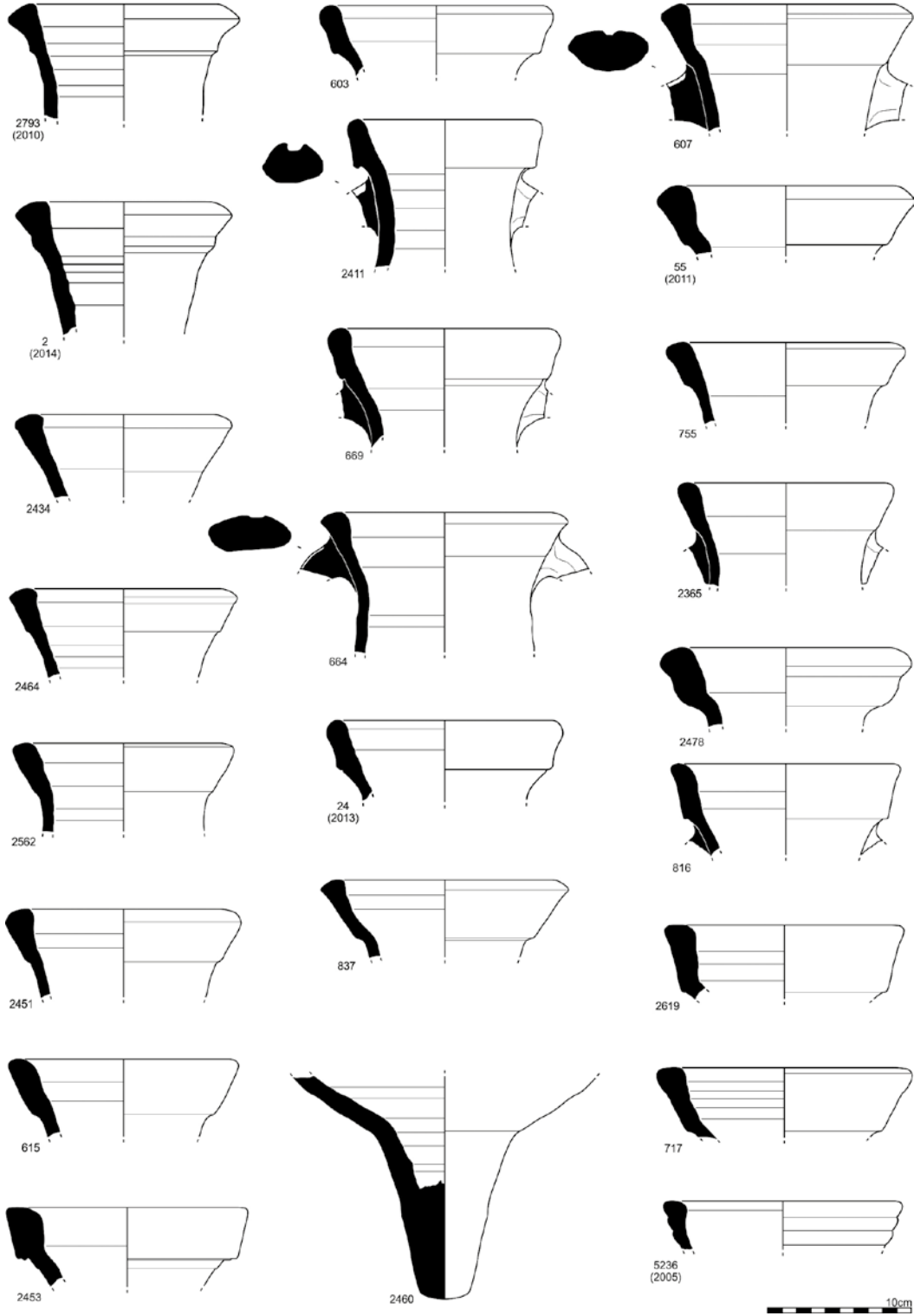


Fig. 6 – Lusitânia: Lusitanas Antigas, Haltern 70 lusitana (816, 2619, 717) e ânfora de tipo *Urceus* de produção lusitana (5236).

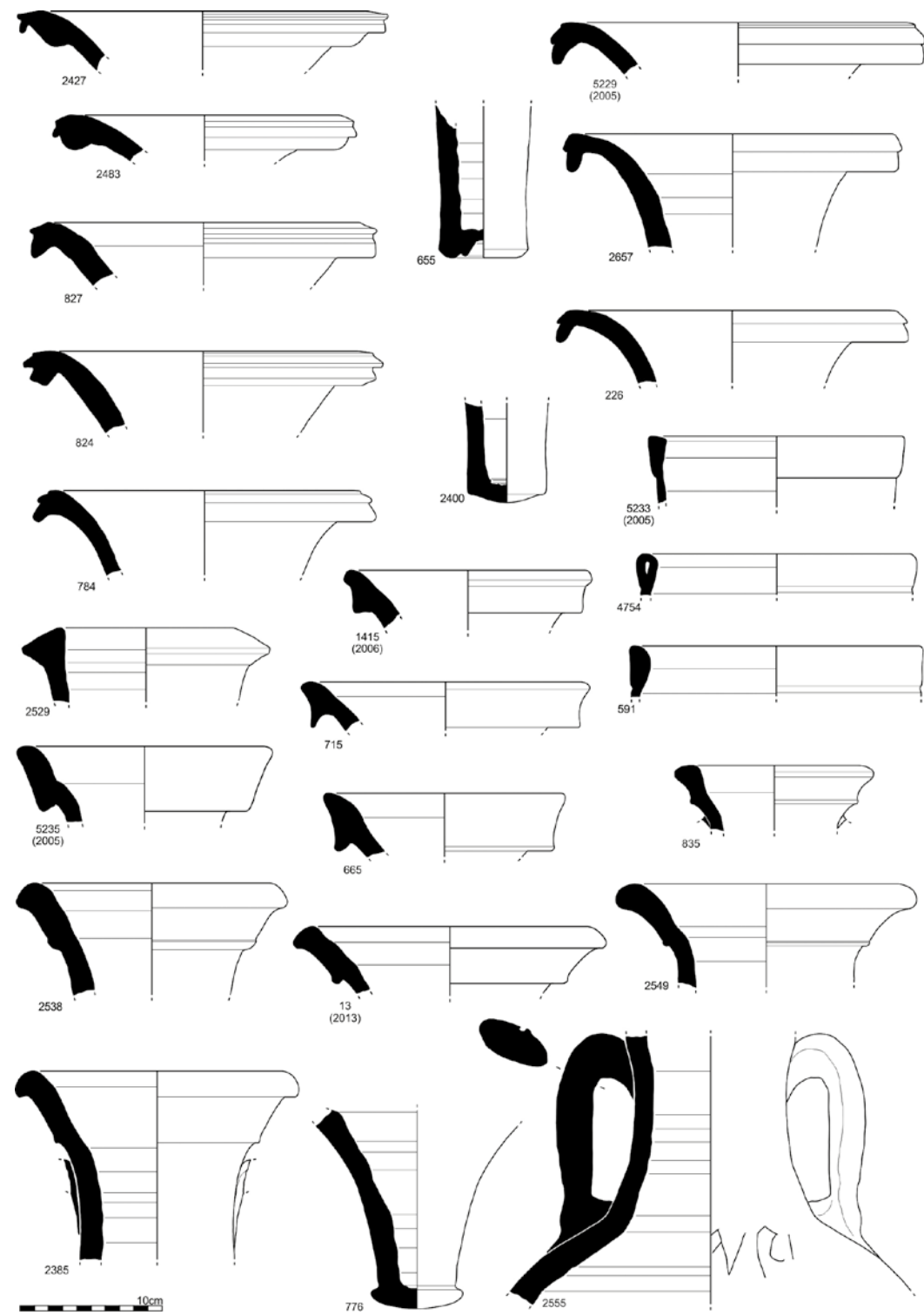


Fig. 7 – Ulterior/Bética, costa ocidental: T-7.4.3.3. (2427, 2483, 827, 824, 784, 5229, 2657, 226, 655, 2400), T-9.1.1.1. (5233, 4754, 591), Greco-Itálica (2529), Ovíde Gaditana (5235), Dressel 7 (1415, 715, 665), Dressel 9-10 (2385, 2538, 2549), Dressel 7-11 (13, 2555, 776), Dressel 28 (835).

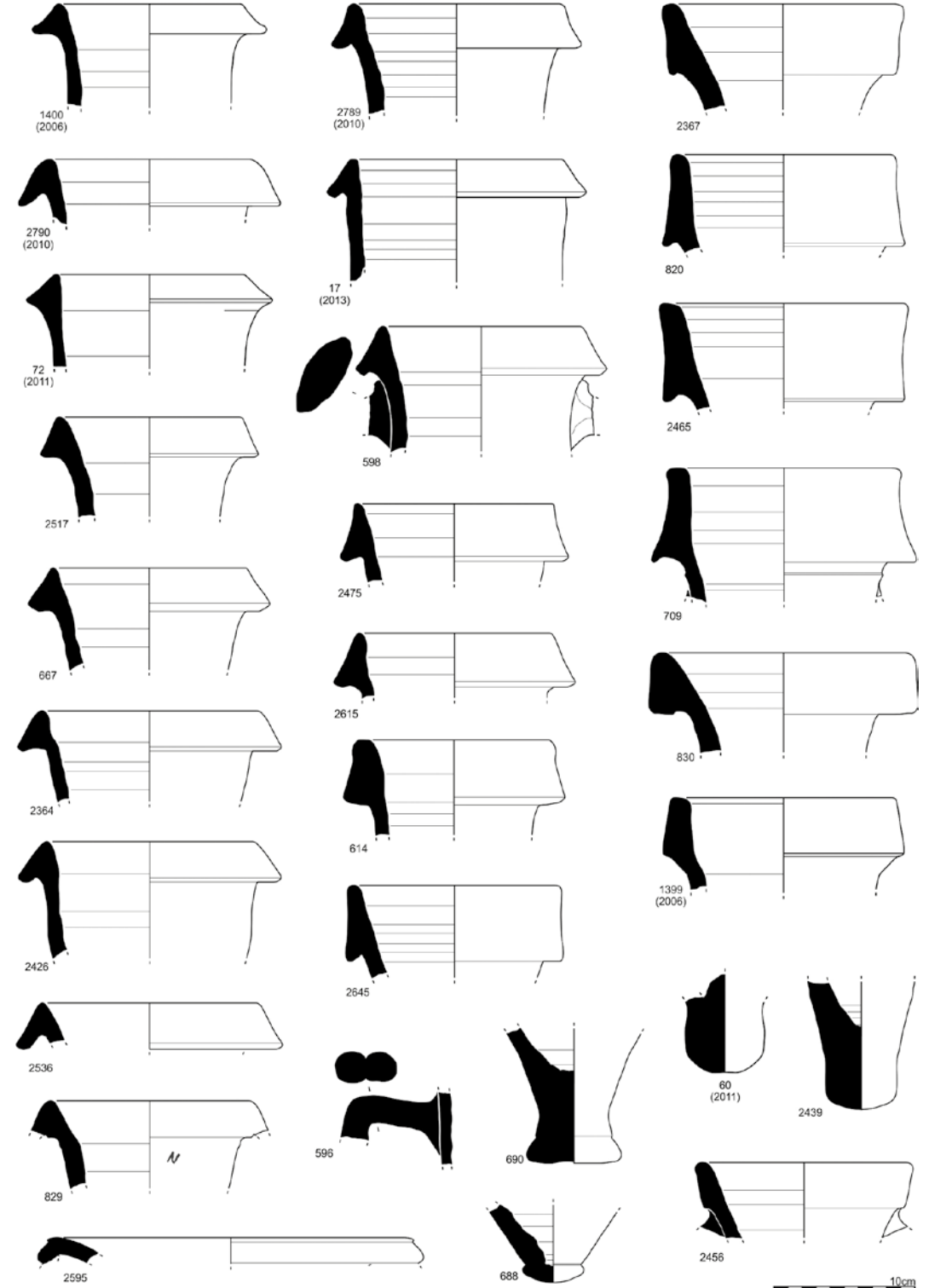


Fig. 8 – Bética, vale do Guadalquivir: Ovíde 4 (780, 668), Haltern 70 Inicial (2610, 2633, 595, 660, 2467, 2377), Haltern 70 Augusto Tibério (204, 2556, 2582, 782, 2647, 2506), Haltern 70 (2567), Verulamium 1908 (2500, 2393, 2488, 2374, 2397), *Urceus*, tipo 1 (2446), Dressel 2-4 (708). Costa setentrional da Tarraconense: Pascual 1 (731).

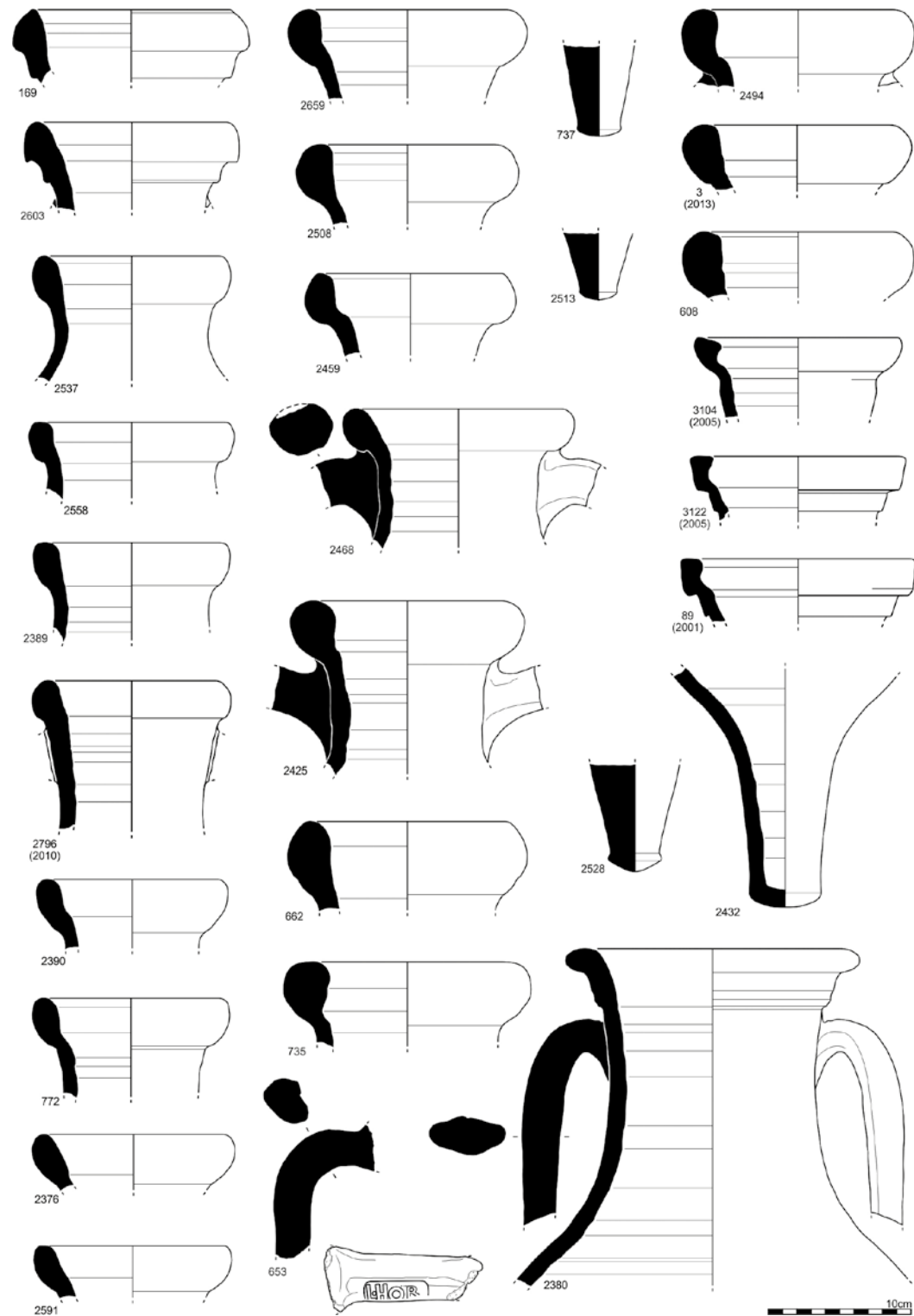


Fig. 9 – Bética, vale do Guadalquivir: Classe 67/Ovóide 1 (169), Ovóide 5 (2603), Ovóide 6 (2537, 2389, 2796, 2558), Oberaden 83/Ovóide 7 (2390, 2376, 772, 2591), Haltern 71 (2468, 2459, 2659, 2508), Dressel 20 Júlio-Cláudia (2494, 735, 2425, 662, 3, 608), Ovóide indeterminada (653), *Urceus*, tipo 3 (3122, 89), *Urceus*, tipo 1 (3104), Dressel 7-11 (2432, 2380), Indeterminado (737, 2513, 2528).

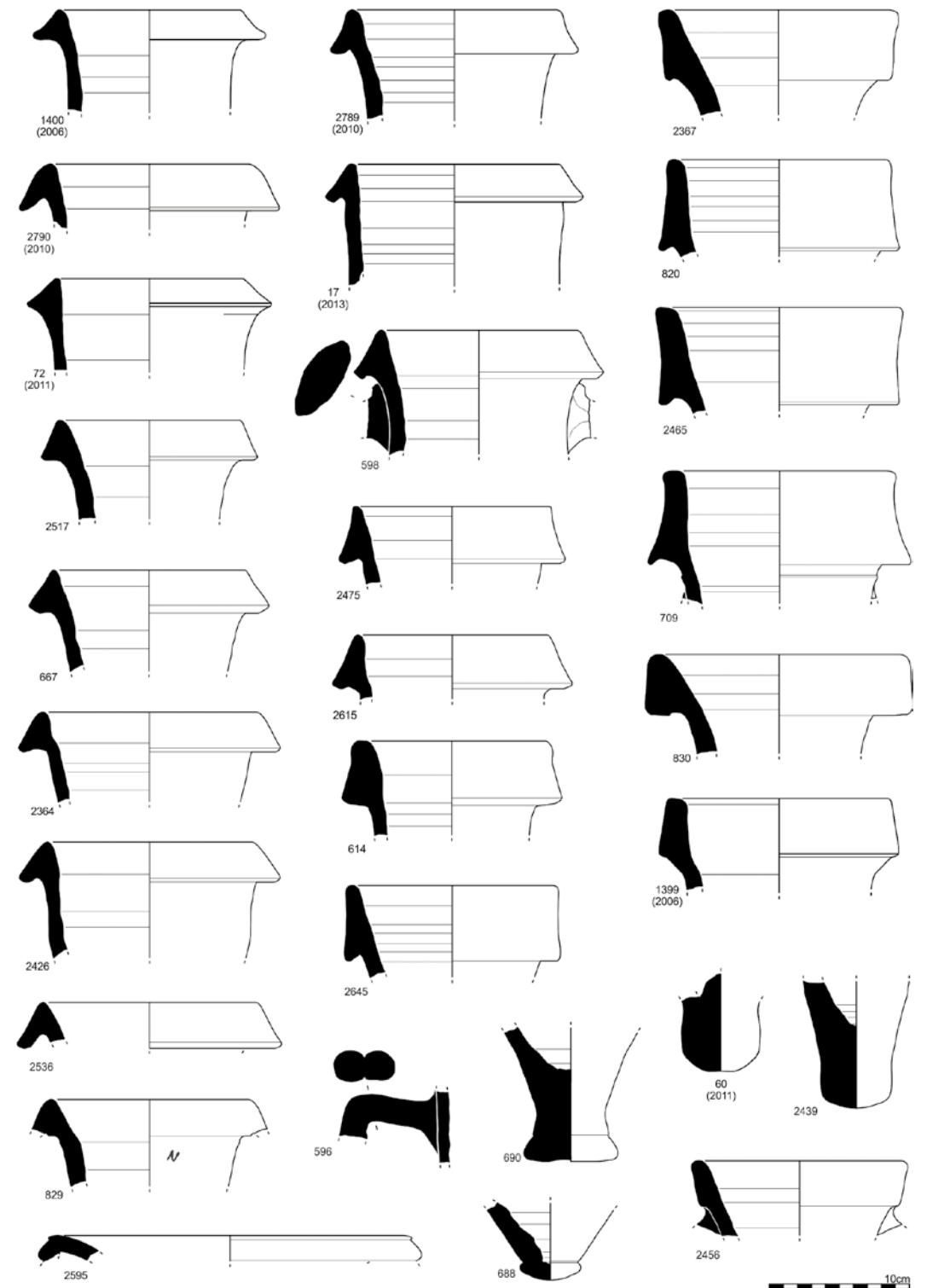


Fig. 10 – Península Itálica, costa tirrénica: Greco-Itálicas (1400, 2790, 72, 2517, 667, 2364, 2426, 2536, 829, 2789, 17, 598), Dressel 1 (2475, 2615, 614, 2645, 2367, 820, 2465, 709), Dressel 2-4 (596, 690). Península Itálica, costa adriática: Lamboglia 2 (1399, 830), Ovóide adriática (60). Ilha de Lipari: Richborough 527 (2439). Norte de África: T-7.4.3.1. (2595), Africana Antiga (688, 2456).

Bibliografia citada

ALMEIDA, R. (2008) - *Las Ánforas del Gualdalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Aportación al Conocimiento de Los Tipos Minoritarios*. Col.lecció Instrumenta 28, Barcelona: Publications de la Universitat de Barcelona.

ALMEIDA, R.; FILIPE, V. (2013) - 50 anos depois: as ânforas da Praça da Figueira. In *Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 21 a 24 de novembro de 2013, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: pp. 737-745.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (1998) - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (Campanhas de 1983-1991). *Conímbriga*. Coimbra: 37, pp. 201-231.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (1999) - As importações de vinho itálico para o território actualmente português: contextos, cronologias e significado. In *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid : Casa de Velazquez, pp. 307-337.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (2001) - Importação e consumo de vinho bético na colónia Romana da Scallabis (Santarém, Portugal). In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, pp. 703-715.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2005) - As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: 8:1, pp. 279-297.

BARGÃO, P. (2006) - *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

BERNI MILLET, P. (2011) - Tipologia de la Haltern 70. In CARRERAS MONFORT, C.; MORAIS, R.; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E. (Coords.), *Ánforas romanas de Lugo Comercio romano en el Finis terrae*. Trabalhos de Arqueoloxía. Concello de Lugo, pp. 80-107.

DIOGO, A. M. D. (1982) - A propósito de «Moron». Estudo de alguns documentos provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém). *Clio*, 4. Lisboa: pp. 147-154.

DIOGO, A. M. D. (2000) - As ânforas das escavações de 1989-93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: 3:1, pp. 163-179.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1993-1994) - Materiais provenientes de Chões de Alpompe (Santarém). *Conímbriga*. Coimbra: 32-33, pp. 263-281.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999) - Ânforas e sigillatas tardias (claras, foceenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: 2:2, pp. 83-95.

FABIÃO, C. (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

FABIÃO, C. (2014) - *O estudo das ânforas*. S. João do Estoril, pp. 1-24.

FABIÃO, C. (1998b) - *O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

FERNANDES, L. (2006) - O teatro de Lisboa. Intervenção arqueológica de 2001. In MÁRQUEZ, C.; VENTURA, A. (eds.), *Jornadas sobre teatros romanos en Hispania. Actas del Congreso Internacional celebrado en Córdoba, 12 a 15 de Noviembre de 2002*. Córdoba: Seminario de Arqueología, pp. 181-204.

FERNANDES, L. (2007) - Teatro romano de Lisboa - os caminhos da descoberta e os percursos de investigação arqueológica. *Al-Madan*, IIª série (15), Almada: pp. 28-39.

FERNANDES, L. (2014) - The production of architectural elements in the city of Felicitas Iulia Olisipo (Lisbon): the capitals. In XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico / Centre and periphery in the ancient world S. 11. *Las producciones artísticas y artesanales en el mundo clásico. Talleres Artistic and artisanal productions in the classical world*. Workshops Mérida, pp. 1435-1437.

FERNANDES, L.; COROADO, J. (em publicação) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana do teatro romano de Lisboa: proveniência das produções cerâmicas dos sécs. IV e III a.C. (campanha arqueológica de 2010). In 8ª Encontro de Arqueologia do Algarve. *A Arqueologia e as outras Ciências* (Silves, 21-23 outubro 2010).

FERNANDES, L.; FILIPE, V. (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: 10:2, pp. 229-253.

FERNANDES, L.; FILIPE, V. (2017) - A nova e velha Rua de S. Mamede: diferentes revestimentos para os mesmos traçados. In FERNANDES, L., BUGALHÃO, J., FERNANDES, P. A. (Coords.), *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 212-215.

FILIPE, V. (2008a) - *As ânforas do teatro romano de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado

FILIPE, V. (2008b) - Importação e exportação de produtos alimentares em Olisipo: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: 11:2, pp. 301-324.

FILIPE, V. (2015) - As ânforas do teatro romano de Olisipo (Lisboa, Portugal): campanhas 2001-2006. *Spal*. Sevilha: 24, pp. 129-163.

FILIPE, V. (2018) - *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

GARCÍA VARGAS, E; ALMEIDA, R.; GONZÁLEZ CESTEROS, H. (2011) - Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *Spal*, Sevilla: 20. pp. 185-283.

MORAIS, R. (1998) - *As ânforas da zona das Carvalheiras*. Braga: Universidade do Minho.

MORAIS, R. (2005) - *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta: contribuição para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Bracara Augusta, Escavações arqueológicas 2. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho.

MOTA, N.; PIMENTA, J.; SILVA, R. B. (2014) - Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. In *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Vila Franca de Xira, 2013), Cira Arqueologia, 3. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 149-177.

PARKER, A. J. (1992) - *Ancient shipwrecks of the Mediterranean & the roman Provinces*. BAR 580. Oxford.

PIMENTA, J. (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

CAPÍTULO



ABSTRACTS

FICHA TÉCNICA

Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa – Teatro Romano

Coordenação editorial

Lídia Fernandes

Textos

Carlos Fabião

Catarina Bolila

Daniela Ermano

Eurico de Sepúlveda

Inês Avó Almeida

Isabel Cameira

Joana Sousa Monteiro

João Appleton

João Carrasco

João Coroado

João Pimenta

José d’Encarnação

Lídia Fernandes

Marco Calado

Rita Gonçalves

Vasco Appleton

Victor Filipe

Projeto gráfico

atelier-do-ver

Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Cristóvão Fonseca, Lídia Fernandes

Tradução

Carolina Grilo

Impressão

Rigor das Cores - Impressão Gráfica Lda.

Tiragem

500 exemplares

ISSN

2184-6979

Ano

2020

Depósito Legal

N.º 465402/19

Agradecimentos

José Avelar, Carlos Loureiro, Lurdes Garcia (Museu de Lisboa / EGEAC);

Arquivo Municipal de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa).



**MUSEU
DE LISBOA**

**PALÁCIO
PIMENTA**

**SANTO
ANTÓNIO**

**TEATRO
ROMANO**

**CASA DOS
BICOS**

**TORREÃO
POENTE**

Um museu. Cinco lugares. One museum. Five places.